

Pode surgir um mini-Clube de Paris para negociar a dívida dos latinos

por Maria Helena Tachinardi
de Ica



Alan García

A formação de um mini-Clube de Paris, que poderá ser batizado de Clube do Rio, para negociação e a redução da dívida intralatio-americana, estimada em US\$ 12 bilhões, a criação de uma central de informações sobre o problema de narcotráfico a nível de polícias federais, e a instituição de um grupo de trabalho para estudar a questão das drogas no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), são alguns dos passos concretos que poderão ser anunciados hoje, no encerramento da terceira reunião de presidentes do Mecanismo Permanente de Consulta e Concessão Política (Grupo dos Oito), iniciada ontem na cidade peruana de Ica.

O encontro, aberto com discursos dos sete presidentes (José Sarney, do Brasil; Virgílio Barco, da Colômbia; Carlos Salinas de Gortari, do México; Julio Sanguinetti, do Uruguai; Carlos Saúl Menem, da Argentina; Alan García, do Peru e Carlos Andrés Pérez, da Venezuela) — (o Panamá encontra-se suspenso do grupo), está sendo menos retórico e mais con-

creto em matéria de dívida intra-regional, drogas e relação com os países desenvolvidos, alguns dos principais temas da agenda.

Coube ao novato no grupo, o argentino Menem, dizer que os próprios países da região têm a responsabilidade de salvar-se a si próprios. Ele fez um chamamento a ações pragmáticas, a "um espírito de empresa".

O anfitrião Alan García, depois de ter feito uma detalhada análise das mudanças no cenário mundial, foi menos queixoso em relação às responsabilidades que os países ricos têm em relação aos programas enfrentados pela América Latina. Propôs concretamente que os Grupo dos Oito estabeleça um projeto para 1992, "um ano crucial para a economia mundial", quando a Europa entrará na fase do mercado unificado, livre de barreiras e de fronteiras. O presidente peruano sugeriu ainda que os países do grupo comecem a desarmar-se, efetuar menos gastos com material bélico, aumentar o intercâmbio comercial a combater o narcotráfico.

García moderou seus

ataques verbais aos países desenvolvidos, sobretudo aos EUA e, apesar de ter dito que no plano da dívida (o Plano Brady) é insuficiente, salientou que "é um bom começo". Todos os presidentes referiram-se ao problema do narcotráfico, à dívida externa; a necessidades de maior intercâmbio regional.

Sarney enfatizou o avanço democrático no continente e reiterou sua proposta, apresentada em Acapulco, na primeira reunião do grupo, de reincorporação de Cuba à Organização dos Estados Americanos (OEA).

"E, de fato, latino-americana a maior e mais vigorosa onda de democracia que pespassou o mundo no pós-guerra. Chegaremos ao final de 1989 com o continente sul-americano totalmente democratizado", disse. Em contraposição, a América Latina está mais pobre em relação aos

anos 70, quando o PIB aumentou 40%, os anos 80 registra uma queda real do produto de 7%, salientou.

Entre as dificuldades enfrentadas pela região, o presidente citou as barreiras ao acesso tecnológico.

"A universalização do acesso aos frutos da ciência e da tecnologia constitui reivindicação de que mão podemos abrir não. Devemos inscrevê-la como meta altamente prioritária na nossa agenda."

Sarney dedicou 28 linhas de seu discurso à problemática do meio ambiente, mais que qualquer outro presidente. Ele reiterou a necessidade de que os países industrializados criem condições "para que esta questão seja encaminhada satisfatoriamente para todos".

O presidente e sua comitiva deixarão Ica hoje à tarde. Sarney irá diretamente para São Luís do Maranhão.